



REMHU

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana

REMHU - Revista Interdisciplinar da

Mobilidade Humana

ISSN: 1980-8585

remhu@csem.org.br

Centro Scalabriniano de Estudos

Migratórios

Brasil

Fusco, Wilson

Regiões Metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes

REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 20, núm. 39, julio-diciembre, 2012, pp. 101-116

Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042016006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REGIÕES METROPOLITANAS DO NORDESTE: ORIGENS, DESTINOS E RETORNOS DE MIGRANTES

*Wilson Fusco**

O artigo objetiva estudar o desempenho das três maiores Regiões Metropolitanas do Nordeste - Fortaleza, Recife e Salvador - no processo de absorção, retenção e emissão de migrantes no período 1990-2010. São analisados os perfis dos emigrantes e dos imigrantes nas três Regiões Metropolitanas, segundo o sexo e o setor de atividade dos envolvidos nos processos migratórios. É dada ênfase à observação da migração de retorno para as três RMs, identificando a última etapa dos imigrantes e o destino dos emigrantes, descrevendo o perfil segundo as características mencionadas.

Palavras-chave: Migração; Nordeste; Região Metropolitana de Fortaleza; Região Metropolitana de Recife; Região Metropolitana de Salvador.

Introdução

A análise dos fluxos migratórios registrados nos períodos intercensitários entre 1990 e 2010 no Brasil mostra a ocorrência de mudanças nos padrões dos movimentos que estão a requerer explicação dos fatores associados a essas novas realidades. De modo especial, no decorrer da década de 1990, houve intensificação dos deslocamentos no sentido urbano-urbano e também nos fluxos interestaduais. Nos dois casos, ocorreu uma reversão da tendência à redução dos volumes de migrantes observada nas duas décadas anteriores. Em relação ao Nordeste, no período 1990-2000, ocorreu um recrudescimento da emigração para outras regiões, especialmente para o Sudeste. O panorama geral do País no tocante a essas mudanças ocasionou o surgimento da hipótese que se convencionou chamar de "defasagem entre

* Doutor em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisador Adjunto da Fundação Joaquim Nabuco, Bolsista do CNPq. E-mail: wilson.fusco@fundaj.gov.br. Recife/Brasil.

dinâmica econômica e dinâmica migratória"¹. No caso do Nordeste, não há evidências desse fenômeno, visto que, historicamente, o que se observa relativamente aos fluxos migratórios é uma espécie de efeito bumerangue, que produz constantes vaivens de pessoas que se deslocam entre as regiões brasileiras impulsionadas por fenômenos ora de caráter nacional, ora de natureza regional. Na década de 2000 observa-se, novamente, uma diminuição dos fluxos de saída e de chegada, mas com um aumento do fluxo de retorno proporcionalmente ao volume total de imigrantes.

A diminuição do poder de retenção populacional das Regiões Metropolitanas (RMs) do Nordeste (Fortaleza, Recife e Salvador) tem sido relacionada a um suposto fim da maturação dos investimentos realizados na Região nas décadas de 1970 e 1980 e dos efeitos desses investimentos sobre o desempenho econômico da região.² Convém lembrar que, no decorrer da década de 1990, ocorreu, com intensidade, o fenômeno historicamente relacionado ao aumento dos fluxos emigratórios do Nordeste: as secas. Ao longo da década, a zona semiárida da Região foi assolada por secas de grandes proporções em 1990-1993 e em 1998-1999. Os efeitos econômicos e sociais dessas secas podem ser avaliados por meio da queda no valor da produção agropecuária do Nordeste: -11,7% em 1990; -9,2% em 1992; -29,7% em 1993; e -23,0% em 1998.³ Esses dados por si já dão uma idéia dos volumes de desemprego provocados por aquele fenômeno climático.

No Nordeste, as três RMs, embora não tenham apresentado desempenho econômico expressivo no decorrer da década de 1990, contribuíram para reter muitos migrantes que, do contrário, teriam seguido a tradição de se deslocar para os centros mais dinâmicos da economia nacional. No caso específico da Região Metropolitana do Recife (RMR), verificou-se uma considerável transferência populacional para o interior, invertendo a tendência observada na década anterior, que pode ser explicada pela consolidação de dois pólos econômicos que existem no interior do estado: de fruticultura irrigada e produção vinícola na Mesorregião do São Francisco Pernambucano, em torno do município de Petrolina, e de confecções na Mesorregião do Agreste Pernambucano, que abriga os municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Vale considerar que, já a partir da década de 1950, a Região Metropolitana do Recife começava a perder as indústrias tradicionais – têxtil, metal-mecânica, metalurgia – em decorrência do processo de integração comercial inter-regional que teve início naquela

¹ CUNHA, José M. P.; BAENINGER, Rosana A. "Cenários da migração no Brasil dos anos 90", p. 92.

² CANO, Wilson. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930 – 1995*.

³ SUDENE. *Boletim Conjuntural – Nordeste do Brasil*, p. 315.

década.⁴ Esse processo de interiorização da população não foi um fenômeno generalizado, mas se deu em algumas situações isoladas. De modo geral, predominaram os fenômenos em que as áreas interioranas do Nordeste continuaram a liberar migrantes e as três regiões metropolitanas perderam capacidade de reter população. O Nordeste como um todo, por sua vez, seguiu seu histórico de região emissora de migrantes.

A análise do desempenho das três RMs do Nordeste sugere que se dê atenção às migrações de retorno dos nordestinos para essas três áreas. Os estudos mostram que, no caso dos nordestinos retornados, tem havido um intenso vaivém que, em parte, se explica pela instabilidade verificada na economia brasileira nas décadas de 1980 e 1990, a qual, ao atingir negativamente o mercado de trabalho do centro dinâmico da economia nacional, afetou igualmente o resto do país. As áreas de origem – e mesmo os municípios de nascimento – são, para os emigrantes nordestinos, um porto sempre seguro, se não para um novo emprego, pelo menos para encontrar acolhimento no meio familiar. É o que mostra Lyra em seu estudo sobre migrações de retorno em Pernambuco. O surgimento e a expansão dos pólos de confecções do Agreste e de fruticultura e de produção vinícola no São Francisco Pernambucano reforçam o que se sabe acerca da opção dos migrantes pelo retorno ao município de nascimento.⁵

O crescimento das regiões metropolitanas

Os dados apresentados na Tabela 1 mostram que no período 1990–2010, a população da Região Metropolitana de Recife (RMR) permaneceu maior que a de Salvador (RMS) e a de Fortaleza (RMF). Por outro lado, a taxa de crescimento médio anual da RMR, durante as duas décadas, foi inferior às taxas correspondentes da RMF e da RMS (assim como aconteceu também na década de 1980). A taxa de crescimento populacional do estado da Bahia foi menor que as respectivas taxas do Ceará e de Pernambuco no período 1991–2000; essa situação continuou na década seguinte, sendo que o crescimento populacional da Bahia continuou a declinar consideravelmente, tendo ainda a taxa do Ceará permanecido maior que a de Pernambuco.

A Tabela 1 também mostra que a participação da RMF na população do Ceará chegou a 40% no ano 2000 e a 43% em 2010, passando ao primeiro posto neste quesito dentre as regiões estudadas. A participação relativa da RMR, que era historicamente expressiva, alcançou os 42% da

⁴ GUIMARÃES NETO, Leonardo. *Introdução à formação econômica do Nordeste*.

⁵ LYRA, Maria Rejane S. B. *O processo de migração de retorno no fluxo Pernambuco - São Paulo - Pernambuco*.

população estadual em 2000, mas reduziu-se em 2010, perdendo o posto para a RMF. A participação da RMS - relativamente menor do que as outras duas RMs - aumentou para 23% da população baiana no ano 2000 e seguiu aumentando, para 26%, em 2010.

Uma visão geral da Tabela 1 evidencia que, sendo a participação populacional da RMR historicamente elevada, no que se refere à Unidade da Federação (UF) de Pernambuco, talvez tenha chegado a uma situação de saturação quanto à absorção de migrantes, o que explicaria as menores taxas de crescimento médio anual entre os anos de 1990 e 2010. Provavelmente, a maturação dos investimentos industriais do sistema de incentivos fiscais do Finor/Sudene tenha explicado o maior crescimento da RMF (principalmente das indústrias têxtil/confecção e de calçados) e da RMS (criação dos pólos de Camaçari e Aratu). Pode ser, também, que as secas ocorridas na década 1990 tenham influenciado a migração do interior do estado do Ceará para a RMF, visto que os grandes fluxos migratórios a partir do Ceará estão historicamente relacionados às secas, pois aquele estado é o único que se encontra inteiramente dentro do chamado “Polígono das Secas” e, portanto, integralmente afetado por aquele fenômeno climático.

TABELA 1
População residente, taxa de crescimento médio anual e participação da RM na população da UF, segundo Regiões Metropolitanas de residência.
Fortaleza, Recife e Salvador - 1991, 2000 e 2010

Região Metropolitana	População			Taxa de crescimento médio anual				Participação da RM na população da UF		
	91/00			91/00		00/10				
	1991	2000	2010	RM	UF	RM	UF	1991	2000	2010
Fortaleza (CE)	2.401.537	2.984.689	3.615.767	2,44	1,73	1,94	1,30	37,72	40,17	42,78
Recife (PE)	2.919.979	3.337.565	3.690.547	1,50	1,18	1,01	1,04	40,97	42,15	41,95
Salvador (BA)	2.496.521	3.021.572	3.573.973	2,14	1,08	1,69	0,90	21,04	23,12	25,50

Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. Tabulação própria.

A relação metrópole-interior

Para as análises da migração nas RMs serão utilizados as informações de última etapa e de data fixa presentes no questionário da amostra do Censo Demográfico do IBGE. O quesito data fixa dos Censos Demográficos realizado em 2000 e de 2010 pedia às pessoas de 5 anos ou mais de idade

que declarassem o nome do município e UF, ou país estrangeiro, em que residiam há exatos 5 anos do censo; o quesito última etapa pedia que o indivíduo com menos de 10 anos de residência na UF atual (no momento do censo) declarasse a UF de residência anterior, no caso do recenseamento de 2000, e pedia também o município, no caso de 2010. A principal vantagem do quesito data fixa, para este trabalho, é a possibilidade de se calcular o saldo migratório nas regiões estudadas, pois essa conta somente pode ser realizada com a fixação de duas datas precisas (a data de referência da realização do censo e a da residência há exatos 5 anos). Por outro lado, o quesito de última etapa alcança as mudanças de municípios (e estados ou países) durante todos os 10 anos anteriores ao censo, o que confere uma qualidade diferente de informação comparativamente ao quesito data fixa. Para os objetivos deste trabalho, optou-se por utilizar os dois tipos de informação.

Segundo a Tabela 2, construída a partir das informações de data fixa, identificam-se os maiores volumes de migrantes dos respectivos interiores dos estados da Bahia e do Ceará para a RMS e RMF no período 1995-2000, o que deve ser explicado pela ocorrência de grandes secas nos anos 1990. Como apontado anteriormente, a zona semiárida do Nordeste foi fortemente castigada por grandes secas, provocando quedas acentuadas no PIB agropecuário da região, na década de 1990 (além da intensidade do mesmo fenômeno ocorrido na década anterior). Devido à importância que as atividades agropecuárias têm na Região, as reduções drásticas na produção desse setor têm reflexos sobre os PIBs da indústria e do setor terciário, a ponto de provocar quedas no PIB total do Nordeste. De acordo com a publicação da Sudene, as taxas de crescimento do PIB do Nordeste em anos de seca na década 1990 foram: -5,9% em 1990; -1,5% em 1992; -1,8% em 1993; e 1,5% em 1998. As contrações bruscas na produção agropecuária provocadas pelas secas forçam as pessoas atingidas a buscarem alternativas de sobrevivência em locais não afetados por esse fenômeno climático ou onde existam outras atividades, além de políticas públicas mitigadoras dos efeitos das estiagens. A Tabela 2 mostra ainda que, no período 1995-2000, os volumes de imigrantes nas três RMs em análise foram maiores que nos cinco anos entre 2005-2010, ocorrendo o inverso quanto ao número de emigrantes. Uma possível explicação para este fenômeno deve estar no fato de no primeiro quinquênio (1995-2000) ter havido secas muito importantes, enquanto que no segundo quinquênio analisado (2005-2010) não foram registrados fenômenos deste tipo com maior intensidade. O aumento do número de emigrantes das três RMs na comparação dos quinquênios deve encontrar explicação na volta à normalidade da produção agropecuária

no período 2005-2010, além dos efeitos da ampliação da produção de pólos regionais e de ações governamentais, como a transposição do rio São Francisco e a implantação da ferrovia Transnordestina. O resultado é o saldo migratório consideravelmente menor, nas três RMs, em relação ao interior dos respectivos estados, no último período, especialmente na RMR, onde a redução do número de imigrantes foi mais intensa.

TABELA 2

Trocas migratórias entre Regiões Metropolitanas e o interior das respectivas UFs, segundo Regiões Metropolitanas de residência. Fortaleza, Recife e Salvador - 1995-2000 e 2005-2010

Região Metropolitana	1995-2000			2005-2010		
	Imigrantes	Emigrantes	Saldo	Imigrantes	Emigrantes	Saldo
Fortaleza	84.200	54.255	29.945	74.363	55.444	18.919
Recife	58.204	33.774	24.430	48.224	41.082	7.142
Salvador	103.370	65.682	37.688	92.826	66.689	26.137

Fonte: Fundação IBGE, Censos Demográficos de 2000 e 2010. Tabulação própria.

A Tabela 3 mostra o papel destacado da RMF na recepção de imigrantes de última etapa (com residência anterior em outro estado), comparativamente com a RMR e a RMS. No caso da Bahia - e de Pernambuco, guardadas as proporções - é expressivo o percentual de imigrantes de última etapa que se fixaram no interior do estado. Como a RMS tem pouco mais de 25% da população do estado e atrai menos de 19% dos migrantes de última etapa, constata-se que o interior da Bahia atrai mais esse tipo de migrante que a Região Metropolitana, fato que também é observado em Pernambuco. Essa maior proporção de migrantes de última etapa no interior pode representar a força da migração entre estados vizinhos: a simples passagem de um município a outro, cruzando a fronteira estadual, provoca esse efeito, como o que pode ocorrer nas mudanças de residência entre Petrolina (PE) e Juazeiro (BA). A propósito da migração de retorno de última etapa, é interessante considerar que, como muitos nordestinos retornam em família, os filhos e netos, embora sendo naturais de estados de outras regiões, têm laços de parentesco com nordestinos. Assim, torna-se intelectualmente instigante a observação do movimento de volta às UFs - de nascimento, para uns, de origem familiar, para outros – de parte considerável desses migrantes.

Os dados da Tabela 3 mostram que os números de imigrantes retornados são bastante importantes quando comparados aos totais de imigrantes de última etapa. Além disso, constata-se que o interior de cada uma das três UFs recebe proporcionalmente mais migrantes retornados (de última etapa) do

que as respectivas RMs, fenômeno também observado para o migrante de última etapa em geral.

Outra forma de observar esses dados é a partir da perspectiva do peso da migração de retorno no total dos migrantes de última etapa para cada UF (também na Tabela 3). Por esse ângulo, a migração de retorno para a Região Metropolitana de Fortaleza é o movimento de maior impacto no fluxo total de imigrantes para a UF (20,8%, frente aos 18,9% na RMR e 9,3% na RMS), assim como a proporção de retornados para o Ceará como um todo (66,3%, em comparação aos 56,3% em PE e 56,7% na BA). Esse retorno mais importante para a RMF e para o estado provavelmente se deve ao expressivo número de cearenses que haviam sido expulsos de suas terras pelas consequências da seca, como mencionado anteriormente, e que decidiram voltar após a diminuição dos efeitos desse fenômeno climático. Outro fato a se acrescentar é que, ao se observarem os mesmos registros para o censo de 2000, a ampliação da proporção de retornados no período mais recente ficará clara.

TABELA 3
Volume e proporção de imigrantes interestaduais e de imigrantes retornados para UF de nascimento, segundo lugar de residência (RM/Interior).
Ceará, Pernambuco e Bahia - 2010

Unidade da Federação	RM/Interior	Imigrantes(todos)		Imigrantes Retornados	
		N	%	N	Ret/Total Imigr na UF (%)
Ceará	RM	94.331	38,01	51.632	20,81
	Interior	153.825	61,99	112.811	45,46
	Total	248.156	100,00	164.443	66,27
Pernambuco	RM	98.112	32,38	57.252	18,89
	Interior	204.926	67,62	113.472	37,44
	Total	303.038	100,00	170.724	56,34
Bahia	RM	93.255	18,80	46.274	9,33
	Interior	402.759	81,20	234.918	47,36
	Total	496.014	100,00	281.192	56,69

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2010. Tabulação própria.

A inserção ocupacional dos migrantes

A inserção dos migrantes de última etapa no mercado de trabalho das três RMs apresenta algumas similaridades, coerentemente com o panorama econômico das cidades de Fortaleza, Recife e Salvador, as quais apresentam

semelhanças e diferenças em diversos aspectos. Abrindo um parêntese aqui, parece interessante observar os dados contidos no Apêndice A, onde se vê que as capitais concentram a maior parte da população das RMs, mas com uma diferença importante: enquanto que Fortaleza registra 68% da população da RMF e Salvador detém 75% da RMS, a população de Recife corresponde somente a 42% da RMR, exibindo uma concentração bastante inferior relativamente às outras duas RMs. Ademais, as áreas ocupadas pela RMR e pela RMS são semelhantes, mas ambas são muito diferentes da área ocupada pela RMF, que corresponde quase ao dobro da área das outras duas RMs.

Em relação às atividades econômicas nas quais os imigrantes se inserem nessas RMs, os dados da Tabela 4 permitem concluir que o subsetor que mais absorveu os imigrantes de última etapa, tanto do sexo masculino como do feminino, foi o de comércio e reparação de objetos. As atividades de comércio - principalmente do ambulante - e de conserto de equipamentos e acessórios (bicicletas, pneus, eletrodomésticos, calçados etc.) incluem-se entre as predominantes no setor informal urbano. Esse setor tem como principal característica a facilidade de acesso de novos trabalhadores nos segmentos menos estruturados do mercado de trabalho, o que acarreta a informalização. Ou seja, são atividades mais facilmente absorvedoras de imigrantes com baixa escolaridade, menos qualificados profissionalmente e carentes de recursos financeiros.⁶ Com relação às mulheres migrantes de última etapa, o serviço doméstico, que até a década de 1990 havia sido o que absorvera os maiores contingentes, como ocorria tradicionalmente, apresentou forte queda em sua proporção quando comparado ao censo de 2000. Ainda sobre esse setor, foi nas RMs de Recife e Salvador que ocorreram as maiores reduções, chegando quase à metade da proporção registrada no censo de 2000, de maneira que tal setor fica, em 2010, somente na segunda ou terceira posição em termos de absorção das mulheres imigrantes, dependendo da RM.

Indústria de transformação e construção civil foram os setores que vieram a seguir, nas três RMs, como os que absorveram imigrantes de última etapa do sexo masculino. Neste caso, cabe também um destaque para o aumento na proporção de mulheres - em todas as RMs - que trabalham na indústria de transformação, principalmente em função das ocupações na indústria de confecções, quando comparadas com os registros de 2000. No caso da Região Metropolitana de Fortaleza, como mencionado anteriormente, houve um aporte de parcela considerável de investimentos do Finor/Sudene para as indústrias têxtil, de confecção e de calçados. Nesses casos existem atividades que podem apresentar características do setor

⁶ ARAUJO, Tarcisio et alii (coord). *Trabalho precário no meio urbano: semáforos do Recife*.

formal. As atividades de comércio e reparação de objetos foram as que mais empregaram mulheres imigrantes nas três RMs. Esses três tipos de ocupação são classificados, para efeito de análise, como característicos do setor informal. As atividades educacionais (professoras, merendeiras, faxineiras etc.) tiveram desempenho expressivo na absorção de mulheres imigrantes de última etapa nas três RMs. As atividades docentes requerem alguma capacitação, provavelmente adquiridas pelas mulheres migrantes na última etapa de seu histórico migratório. No entanto, deve-se registrar que no setor de atividade “educação” estão incluídas ocupações que não requerem níveis elevados de especialização, como as de merendeira e faxineira, já que a atividade refere-se à instituição ou empresa onde se exerce sua ocupação.

TABELA 4

**Migrantes interestaduais segundo participação em setores de atividade selecionados, por sexo do migrante e Região Metropolitana de residência.
Fortaleza, Recife e Salvador - 2010**

Setor de Atividade	Região Metropolitana					
	Fortaleza		Recife		Salvador	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Agropecuária e pesca	0,7	0,2	0,7	0,1	0,6	0,4
Indústria extrativa	0,3	0,0	0,4	0,3	1,5	0,3
Indústrias de transformação	8,2	6,0	9,2	3,3	9,3	3,0
Construção	5,4	0,2	8,4	0,5	7,7	0,4
Comercio e reparação	13,1	9,8	10,2	7,3	10,6	9,1
Alojamento e alimentação	3,5	2,5	2,3	2,2	2,6	2,4
Transporte armaz. e comum.	6,4	1,5	6,2	1,0	4,9	1,5
Intermediação financeira	1,9	1,3	1,6	1,6	1,5	1,3
Atividades imobiliárias	0,4	0,4	0,2	0,3	0,2	0,4
Educação	1,2	2,6	2,0	3,2	2,1	4,2
Saúde e serviços sociais	1,5	4,0	2,1	4,9	2,0	4,6
Outros serviços sociais	1,3	2,4	1,4	2,0	1,4	2,0
Serviços domésticos	0,3	7,7	0,3	4,9	0,6	4,7
Outros	11,2	6,0	15,1	8,4	12,6	7,9
Total (%)	55,4	44,6	60,0	40,0	57,6	42,4
Total (N)	45.586		44.606		43.026	

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2010. Tabulação própria.

De modo geral, os migrantes de última etapa ocupam postos de trabalho que encontram correspondência na distribuição para o restante da

população, não se configurando como um nicho específico de imigrantes. Por outro lado, pode-se observar que existe certa seletividade para a população migrante, pois, ainda que trabalhe nos mesmos setores de atividades que o restante da população, os imigrantes apresentam média e mediana de salários e de anos de estudo superiores aos não migrantes.

Migrantes interestaduais e migrantes de retorno

A análise da origem dos imigrantes de última etapa que residiam nas três RMs do Nordeste no ano 2010 revela alguns aspectos do processo migratório da Região na primeira década deste século.

TABELA 5

Distribuição percentual de migrantes segundo Unidade da Federação de residência anterior, por Região Metropolitana de residência atual. Fortaleza, Recife e Salvador - 2010

Residência Anterior	Residência atual		
	Região Metropolitana		
	Fortaleza	Recife	Salvador
Distrito Federal	4,0	2,4	2,6
Pará	6,8	2,3	2,0
Maranhão	7,9	1,6	1,4
Piauí	9,6	1,9	1,3
Ceará	0,0	6,1	5,1
Rio Grande do Norte	6,0	4,4	1,9
Paraíba	3,6	11,7	2,3
Pernambuco	7,7	0,0	9,6
Alagoas	1,4	8,0	6,0
Sergipe	0,4	1,6	10,0
Bahia	5,1	8,7	0,0
Minas Gerais	2,1	2,7	5,3
Rio de Janeiro	8,2	11,9	14,1
São Paulo	21,9	25,3	27,4
Demais	15,2	11,5	11,0
Total %	100,0	100,0	100,0
Total N	94.331	98.112	93.255

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2010. Tabulação própria.

A Tabela 5 mostra que foram mais expressivos os percentuais de imigrantes provenientes do estado de São Paulo. Os percentuais superiores a

21% do total de imigrantes em cada uma das RMs (27% na RMS) sugerem uma forte incidência de migração de retorno a partir daquele estado. Analisando a última etapa dos imigrantes nas três RMs, observa-se, ainda, o destaque do Rio de Janeiro como importante emissor de migrantes para a RMS (a relativa proximidade comparativamente com a RMF e a RMR, situação essa que poderia ter facilitado a vinda e, também, a ida, nos casos de migrantes de retorno, perde força quando se percebe que o Rio de Janeiro também é uma fonte importante de migrantes para a RMR). No tocante à RMF, os percentuais expressivos de imigrantes provenientes do Piauí e do Maranhão encontram explicação na atração que a capital do Ceará exerce sobre as pessoas que buscam oportunidades de trabalho em um meio econômico relativamente dinâmico e de grande dimensão demográfica. No caso da RMR, além da imigração de última etapa do Rio de Janeiro - que também deve sofrer o peso da migração de retorno -, destacam-se, como estados de origem, os estados vizinhos da Paraíba, Bahia e Alagoas. Nesse caso, a proximidade de uma Região Metropolitana com maiores oportunidades potenciais de trabalho explica, em grande parte, a escolha do destino dos migrantes. Situação semelhante é observada na RMS, onde, depois de São Paulo e Rio de Janeiro, os estados de Sergipe e Pernambuco, vizinhos, enviaram maiores percentuais de migrantes de última etapa.

Os dados contidos nessa Tabela 5 colocam em relevo, em primeiro lugar, a proeminência do estado de São Paulo (secundado, a certa distância, pelo Rio de Janeiro) como destino de migrantes nordestinos e, no decorrer do tempo - e dependendo das conjunturas econômicas - como origem de migrantes de retorno. Em segundo lugar, mostram a atração que as RMs e as aglomerações urbanas de maior porte exercem sobre as populações dos estados vizinhos (além, é claro, dos habitantes do interior dos respectivos estados) sobre as pessoas que decidem migrar.

Com relação ao destino dos emigrantes que deixaram as três RMs, as informações do Censo 2010 sobre o quesito de última etapa (Tabela 6) confirmam as escolhas que tradicionalmente fazem as pessoas que decidem deixar a RMF, a RMR e a RMS em busca de oportunidades de trabalho e de sobrevivência em outras partes do Brasil. Os emigrantes das Regiões Metropolitanas nordestinas em referência escolheram principalmente a UF de São Paulo, o que não causa surpresa. O que fica claro é a característica de um ir e vir que já se consolidou através de décadas. São Paulo como destino de migrantes nordestinos parece consolidar-se, mesmo em períodos nos quais são observados crescimento do PIB nos estados do Nordeste maior do que no paulista. O Rio de Janeiro, mais uma vez, aparece como

segundo destino preferencial, perdendo o posto, em alguns casos, somente para estados vizinhos no próprio Nordeste. O Distrito Federal, Pará e Minas Gerais fecham a lista dos destinos mais procurados pelos emigrantes das áreas metropolitanas em foco. Esses dados, associados aos da tabela 2, corroboram as evidências conhecidas acerca dos dois grandes fluxos das RMs nordestinas: para os interiores dos respectivos estados e para o estado de São Paulo, respectivamente.

TABELA 6

Distribuição percentual de migrantes que deixaram as RMs, segundo UF de residência atual, por RM de residência anterior - UFs selecionadas, 2010

Residência atual	Residência anterior		
	Região Metropolitana		
	Fortaleza	Recife	Salvador
Distrito Federal	6,1	2,8	4,5
Pará	5,4	1,1	1,2
Maranhão	5,6	1,2	1,2
Piauí	5,5	1,3	0,9
Ceará	0,0	5,1	3,4
Rio Grande do Norte	7,3	6,5	1,6
Paraíba	2,8	13,0	1,2
Pernambuco	5,7	0,0	6,0
Alagoas	1,0	6,4	2,2
Sergipe	0,4	1,7	8,6
Bahia	4,8	5,8	0,0
Minas Gerais	2,8	2,3	5,0
Rio de Janeiro	11,6	10,8	16,5
São Paulo	21,9	29,6	32,9
Demais	19,1	12,5	14,7
Total %	100,0	100,0	100,0
Número total	97.484	142.907	127.635

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2010. Tabulação própria.

*Não foram considerados aqui os interiores dos estados das respectivas RMs.

Considerações finais

Ao se estudarem os fluxos migratórios de nordestinos, há que considerar três fenômenos que têm singularizado o Nordeste no contexto nacional: de um lado, a ocorrência de secas episódicas na zona semiárida; de outro, a maturação de investimentos resultantes dos incentivos fiscais administrados

pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criados em 1961 com o objetivo de financiar projetos industriais e agropecuários (estendidos posteriormente a projetos de pesca, turismo e reflorestamento); por fim, as ações governamentais observadas na década de 2000, que foram traduzidas em fatores como programas sociais e rendas de aposentadorias e pensões, além dos efeitos dos investimentos em infraestrutura. Também são de interesse para este trabalho as informações coletadas através de pesquisa realizada pela Sudene e pelo Banco do Nordeste (BNB) reveladores da seguinte situação: em dezembro de 1986, a RMR havia recebido 17,4% das indústrias financiadas com recursos dos incentivos fiscais; a RMF havia abrigado 15,9% das indústrias e a RMS 13,7%. Juntas, as três RMs haviam recebido 47,0% do número total de projetos industriais aprovados pela Sudene.⁷ Enquanto as secas constituem motivo potencial para a emigração, a implementação de projetos favorecidos por incentivos fiscais podem ter colaborado, se não como atração para imigrantes, pelo menos como fator de retenção de potenciais emigrantes.

Com o fim do processo de maturação dos investimentos realizados há mais tempo e com as secas que atingiram fortemente a economia agropecuária no Nordeste, um grande contingente de pessoas ficou potencialmente propenso à emigração - como tem ocorrido há décadas - em busca de melhores oportunidades de emprego e de qualidade de vida. O que se verificou é que os fluxos entre as Regiões Metropolitanas em questão e o estado de São Paulo, principalmente sua capital, continuaram a predominar no cenário da década de 2000. Dada a antiguidade do movimento migratório entre o Nordeste e o Sudeste, pode-se considerar que as redes sociais formadas ao longo do tempo constituem um fator importante de direcionamento para os grupos que, desenraizados, decidem por destinos onde podem encontrar preciosos recursos que lhes facilitem a inserção social e econômica: um local de acolhimento temporário, informações sobre emprego e habitação, por exemplo, são alguns dos benefícios que um indivíduo considera no momento em que decide migrar e escolher o lugar a ir.

A existência de redes sociais, tanto na origem como nos lugares de destino de migrantes, é uma questão que deve ser considerada na sua verdadeira dimensão. Não fossem essas redes, provavelmente o vaivém de nordestinos constatado por algumas pesquisas de campo⁸ seria menor. O papel desempenhado pelas redes sociais no acolhimento e no apoio à procura de emprego deve ter tido grande importância para que os deslocamentos

⁷ SUDENE; BNB. *Relatório de pesquisa sobre o desempenho da indústria incentivada do Nordeste – 1988.*

⁸ LYRA, *op. cit.*

tenham ocorrido de forma contínua, inclusive simultaneamente às crises econômicas, e não posteriormente, como sugere a hipótese da defasagem.

De forma geral, ainda que o poder de atração ou retenção de migrantes tenha diminuído durante a década de 2000 nas Regiões Metropolitanas analisadas, suas populações continuaram a crescer em ritmo superior - com uma exceção no caso da RMR na última década, que se equilibrou - ao dos respectivos estados, com a consequente ampliação de sua participação no contingente populacional das UFs. Isso se deveu à migração originária no interior, de estados vizinhos e à migração de retorno partindo de outras regiões. Por outro lado, o surgimento de pólos econômicos no interior dos estados revela a existência de potencialidades de algumas microrregiões, principalmente em Pernambuco e na Bahia. Dessa forma, é possível afirmar que os municípios do interior tenham continuado a receber mais migrantes, intra e interestaduais.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, Tarcisio et alii (coord). *Trabalho precário no meio urbano: semáforos do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.
- CANO, Wilson. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930 – 1995*. 2ª Ed. Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 1998.
- CUNHA, José M. P.; BAENINGER, Rosana A. "Cenários da migração no Brasil dos anos 90", in *Caderno CRH*, Salvador, Centro de Recursos Humanos da UFBA, v. 18, n. 43, p. 87-101, Jan./Abr. 2005.
- GUIMARÃES NETO, Leonardo. *Introdução à formação econômica do Nordeste*. Recife: Editora Massangana, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Microdados dos Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010.
- LYRA, Maria Rejane S. B. *O processo de migração de retorno no fluxo Pernambuco - São Paulo - Pernambuco*. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Campinas (SP): UNICAMP, 2003.
- SUDENE. *Agregados Econômicos Regionais: Nordeste do Brasil. 1965-1998*. Recife, 1999.
_____. *Boletim Conjuntural – Nordeste do Brasil*. n. 7, agosto 2000.
- SUDENE; BNB. *Relatório de pesquisa sobre o desempenho da indústria incentivada do Nordeste – 1988*. Recife: Sudene, 1992.

APÊNDICE A

População Fortaleza, Recife e Salvador. 2000.

RM	Municípios da RM (população e %)
Fortaleza	Aquiraz (72.628, 2%); Cascavél (66.142, 1,8%); Caucaia (325.441, 9%); Chorozinho (18.915, 0,5%); Eusébio (46.033, 1,3%); Fortaleza (2.452.185, 67,8%); Guaiuba (24.091, 0,7%); Horizonte (55.187, 1,5%); Itaitinga (35.817, 1,0%); Maracanaú (209.057, 5,8%); Maranguape (113.561, 3,1%); Pacajus (61.838, 1,7%); Pacatuba (72.299, 2%); Pindoretama (18.683, 0,5%); São Gonçalo do Amarante (43.890, 1,2%).
Total população: 3.615.767	Área em Km2: 4.872,733
Recife	Abreu e Lima (94.429, 2,6%); Araçoiaba (18.156, 0,5%); Cabo de Santo Agostinho (185.025, 5,0%); Camaragibe (144.466, 3,9%); Igarassu (102.021, 2,8%); Ipojuca (80.637, 2,2%); Itamaracá (21.884, 0,6%); Itapissuma (23.769, 0,6%); Jaboatão dos Guararapes (644.620, 17,5%); Moreno (56.696, 1,5%); Olinda (377.779, 10,2%); Paulista (300.466, 8,1%); Recife (1.537.704, 41,7%); São Lourenço da Mata (102.895, 2,8%).
Total população: 3.690.547	Área em Km2: 2.768,454
Salvador	Camaçari (242.970, 6,8%); Candeias (83.158, 2,3%); Dias D'Ávila (66.440, 1,9%); Itaparica (20.725, 0,6%); Lauro de Freitas (163.449, 4,6%); Madre de Deus (17.376, 0,5%) Mata de São João (40.183, 1,1%); Pojuca (33.066, 0,9%); Salvador (2.675.656, 74,9%); São Francisco do Conde (33.183, 0,9%); São Sebastião do Passé (42.153, 1,2%); Simões Filho (118.047, 3,3%); Vera Cruz (37.567, 1,1%)
Total população: 3.573.973	Área em Km2: 2.837,113

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2010. Tabulação própria.

Abstract

Northeast Brazil's Metropolitan Regions: origin, destination and return of migrants

The article aims at studying the performance of the three largest metropolitan regions in Northeast Brazil – Fortaleza, Recife and Salvador – in the process of absorption, retaining and sending out migrants in the period 1990-2010. We analyze the profile of immigrants and out-migrants in the three metropolitan regions, by sex and sector of activity in which they are involved. Emphasis is given to the observation of return migration at the three metropolitan regions, identifying former place of residence for immigrants and the places of destination for out-migrants, detailing their profile according to the above mentioned characteristics.

Key-words: Migration; Northeast Brazil; Metropolitan Region of Fortaleza; Metropolitan Region of Recife; Metropolitan Region of Salvador.

Recebido para publicação em 20/09/2012.

Aceito para publicação em 15/11/2012.

Received for publication in September, 20th, 2012.

Accepted for publication in November, 15th, 2012.